

I

Ao que se saiba, tudo aconteceu por mera negligência. Ninguém agiu a tempo, ninguém pensou, sequer, que deveria agir. A verdade é que andava toda a gente cansada e o medo dos ladrões ganhava, em cada alma, o espaço que ocupava, alguns anos atrás, o respeito da lei. Tudo fechado no seu canto, bocejando, vendo filmes para lá da meia-noite, e que filmes, senhores, tão descarados que as velhas abanavam a cabeça e fingiam deixar-se adormecer, como desinteressadas do assunto, sem no entanto arredarem pé da sala. Estava dormindo pouco a humanidade e foi talvez por essa sonolência que as gentes da Levada não deram atenção ao que de pouco natural acontecia na casa de Maria das Mercês.

Ou então foram artes da menina que, em verdade, parecia abundar nelas. Com o seu olhar de água e a sua mudez tornava-se tão fluida, tão sem história, que, por assim dizer, não oferecia um corpo contra o qual se pudessem visar hostilidades.

À exceção de pequenas escaramuças a que as mulheres não sabiam resistir por causa da beleza da criança, era um tom de indiferença que timbrava as relações entre ela e a aldeia. Havia, é certo, o medo dos contágios, mas ninguém queria ser o primeiro a falar. Sempre que lhe enfiavam um vestido, cedendo à compulsão com que pensavam em Natalina como num brinquedo, as mães iam passar a pele por álcool. E não somente queriam livrar-se de algum vírus como também da desinquietação em que a menina extraviada as tinha posto.

Mas, ao contrário do que possa deduzir-se, não era muito atenta a vigilância. Nem sequer se avistavam os sinais da família animal que monta cerco e destrói tudo o que ameace as crias. Estranhou-se depois que ninguém se lembrasse nem sequer de levar Natalina a um médico, já não falando de uma queixa à autoridade. Certo é, porém, que todos receavam as muitas armadilhas de uma esquadra ou dos meandros dos serviços de saúde.

Além do mais, havia um certo orgulho, um apreço do próprio coração pela mansidão das suas atitudes. E respeitavam a paixão daqueles velhos, Maria das Mercês e Chico Amor, como respeitariam um capricho contanto que ele não acarretasse nem perigo à solta nem despesa pública.

II

Francisco Amor só deu pela menina junto à última dobra do caminho, sob um freixo que dantes, pelos fins de Dezembro, ofereceria já rebentos de folhagem e agora se mantinha tão estéril como um chão regado com salmoira. E nisso mesmo vinha o velho a meditar, nos transtornos da terra e da humanidade que sofriam das mesmas etapas da desordem, como estava previsto e o seu pai lhe ensinara. Lamentava por vezes que na sua família se tivessem ditado, em verso, as profecias, quando ele era criança e tudo lhe parecia pouco de recear, excepto os pesadelos.

Diferentes pesadelos o assaltavam nos dias de hoje e o obrigavam a manter-se frente à televisão, de olhos chorosos, perseguindo as legendas que lhe não respeitavam o ritmo da leitura. A mulher insistia para que se fixassem no único canal em que era quase tudo falado em português. Mas Francisco inquietava-se, temendo que as coisas estivessem a passar-se e a serem transmitidas noutro lado. Não confiava muito em jornalistas.

— E que raio queres tu que esteja a acontecer? — perguntava Maria das Mercês, que se enervava com as mudanças de emissão. O velho olhava-a com piedade, dava de ombros, soltava o seu risinho sabedor. Há uns meses atrás concluía as conversas lançando a sua bênção aos pobres do espírito. Mas aquilo irritara muita gente e ele preferiu, por prudência ou arrogância, calar a evidência dos sinais.

Habitou-se à sua solidão como se tinha habituado ao medo. Queria somente confirmar pelas notícias e pelos desarranjos do mundo natural que tudo se passava qual previsto e o destino não era atraído. Ou não mudava ele próprio de caminho, alterando os seus prazos e locais.

Vinha ele a pensar nos morangueiros que tão precocemente estavam a dar seus frutos, tumefacções informes e castanhas que nem o mais esfomeado tragaria. Vira, no leito seco da ribeira, poças a fervilhar como caldeiros. As crianças não tinham já ideia do que era uma corrente de água. Nem se chegavam perto, dissuadidas pelo cheiro a veneno. Em tudo isto achava o velho uma alegria, tal como um cientista que visse confirmados, numa mesa de ensaios, desastres cuja hipótese tinha aventado já por teorização.

Quando sentiu os olhos da menina e se virou para trás, surpreendido, pensou que se tratava da morte, a sua morte, embora não tivesse imaginado que fosse assim, pequena, delicada, e desprovida da concentração que um moribundo deveria merecer.

Viu depois que ela estava de pés nus e tão atravessada pelo frio que emanava de si o tom violáceo naturalmente

associado a um cadáver. Francisco Amor levou as mãos aos olhos e a seguir atreveu-se a tocar na criança para lhe sentir a carne e o arrepio que mostravam ser ela bem mortal. Viu-a ruborizar-se e aumentar de tamanho por efeito da cólera, enquanto os seus pezinhos se afastavam, procurando que a sombra do seu corpo sugerisse um volume assustador.

Sobre o velho caía o peso da idade, um peso que esmagava de igual modo a força da vontade e os pensamentos. Foi ele quem terminou aquele encontro, voltando as costas e seguindo o seu caminho, estremeando de tanta confusão. Ouvia, porém, os passos que o seguiam, que arrastavam lajedos e raízes como uns botins ferrados de gigante. Dentro dele é que o som assim se amplificava: a poeira a que estava reduzido o atalho tomara a consistência e a cor da cinza e não lançava mais do que um suspiro sob o andar tão leve da menina.

Francisco Amor julgara estar armado para o final do mundo que iria acontecer no termo do milénio. Pelo pai, que os ouvira do avô, conhecia os sinais. Em certos casos, poderiam inferir-se pelos textos da Bíblia. Noutros, estavam na fala dos antigos. Ele era, de algum modo, um privilegiado, costumava pensar. Poucos sabiam já das profecias, poucos tinham chegado até ali, para verem cumprir-se o seu terror. Não começava tudo de repente, oh, não. Vinha-se há muito preparando, ano após ano, sem visíveis sobressaltos, exactamente como um ser humano leva o seu tempo a desgastar-se e a morrer. Mesmo em momentos de maior doença, quando matérias invisíveis se soltavam pelas frestas de grandes contentores, pondo nos ares a corrosão de um ácido, mesmo então, logo após a primeira estranheza, tornavam as pessoas à rotina sem que pudesse de-